

CABARET DE PRATES NAS NOITES DO SERTÃO DE MINAS (...E DO TEXAS TAMBÉM!)

O cinema pode ser entendido como manifestação cultural que representa e revela as particularidades de um momento histórico, de um grupo de indivíduos ou de um espaço físico. É a manifestação artística que não hesita (se quiser) em evidenciar e clarear as influências presentes em sua concepção.

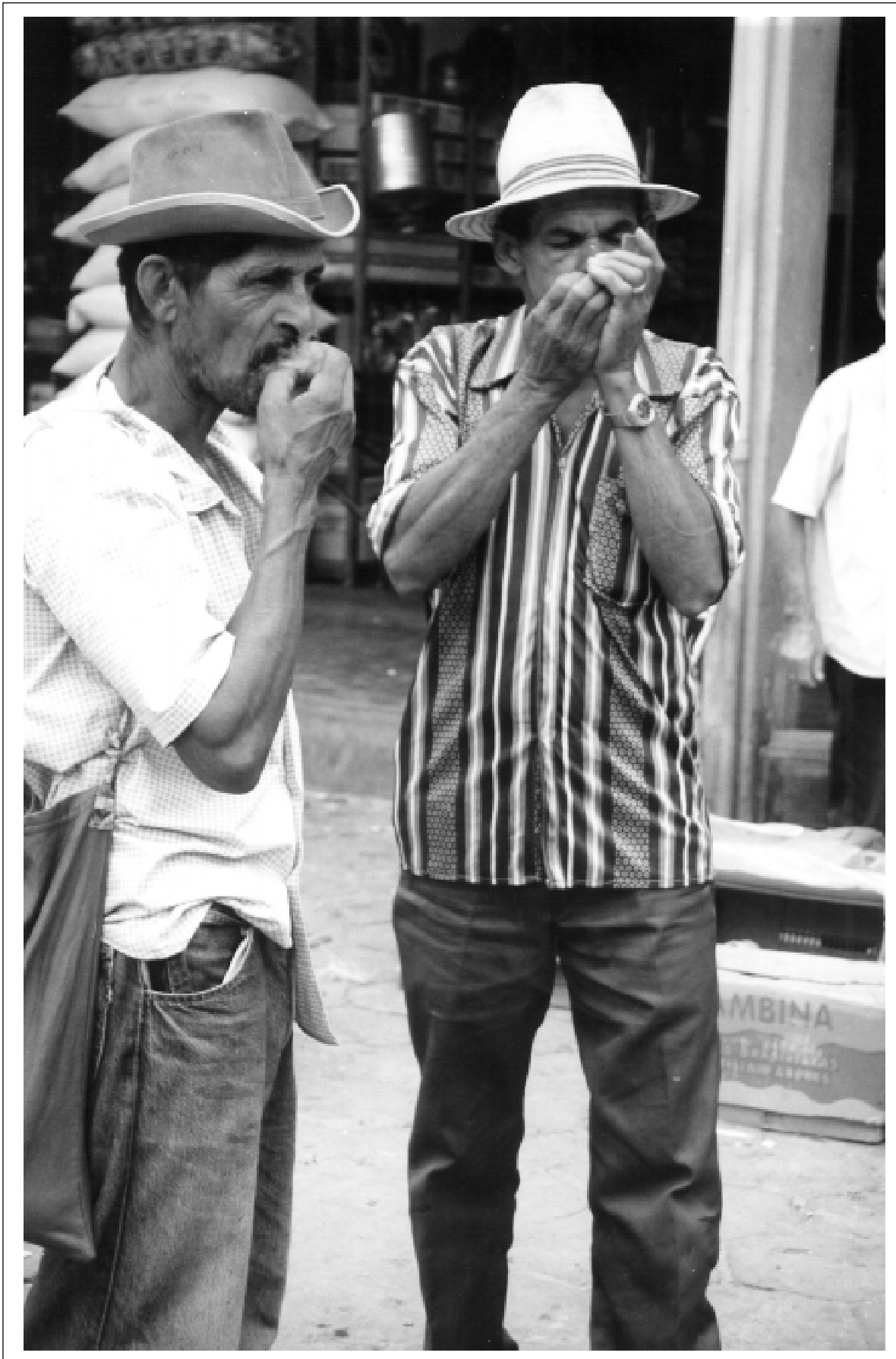
A contextualização de um filme é a tentativa de mostrar como história e cultura afetam o cineasta quando realiza suas películas – sem esquecer o tempero da individualidade que tem peso considerável nessa receita. Portanto, na *criação coletiva* que é o cinema (em que se fazem presentes profissionais diversos como fotógrafos, iluminadores, cenógrafos, figurinistas, atores, produtores, etc.) optamos por reforçar o papel preponderante do diretor como “autor” de um filme – essa escolha, obviamente, implica na discussão de um cinema que sai dos esquemas da produção industrial em série.

Carlos Alberto Prates Correia, montesclarensense e cineasta, constrói uma filmografia que oferece oportunidades bem interessantes para falar sobre o *cinema de autor*. Interessa, num recorte de sua obra, comentar a trilogia formada por *Cabaret Mineiro* (1979), *Noites do Sertão* (1983) e *Minas, Texas* (1989).

Cabaret Mineiro acompanha a “saga” do poeta e aventureiro Paixão, que conhece e se apaixona pela bela e misteriosa Salinas durante a viagem do “trem baiano” rumo a Montes Claros. Ao desembarcarem, ela desaparece e o herói, perdidamente apaixonado, busca a mulher de sua vida pelas cidades do norte de Minas. Nessa odisséia caipira, Paixão conta com o apoio do fiel escudeiro Tone (um Sancho Pança matreiro e sagaz) e encontra tipos excêntricos, engraçados e sedutores.

Noites do Sertão, baseado na novela *Buriti*, é classificado como uma das melhores adaptações (senão a melhor) de Guimarães Rosa no cinema. Durante os anos de 1950, após brigar com o marido em Belo Horizonte, Lalinha é convidada pelo sogro para visitar a fazenda





de Buriti Bom. Torna-se grande amiga das cunhadas e vai conhecendo, aos poucos, as pessoas, “coisas” e “estranhezas” do lugar. O destino brinca com os sentimentos e as certezas de Lalinha, que fica dividida entre as lembranças da capital e as descobertas, e novidades, da fazenda.

Minas, Texas (ou *The old Texas of my dreams*) é, aparentemente, uma brincadeira com os ícones do western norte-americano. A jovem Januária ama Roy Pereira, o cowboy de Janaúba. Mas a família da moça prefere o padeiro Amorim para marido da heroína. Incidentes e armadilhas marcam a trama, em que a mocinha se refugia numa fazenda abandonada sob a guarda e proteção dos amigos de Roy – porém a “carne é fraca”, “ninguém é de ferro”, e o convívio forçado provoca relações *perigosas e prazerosas* entre os personagens.

As características do cinema de Carlos Alberto se evidenciam nos filmes: o espaço geográfico do sertão mineiro; a construção de uma narrativa que aproveita, muito bem, música e fotografia para criar imagens sedutoras e tipicamente *prateanas*; o universo que mistura elementos de Guimarães Rosa a personagens como marujos, intelectuais provincianos, prostitutas espanholas, mocinhas relativamente recatadas, vagabundos e cowboys de pouco caráter.

A parceira com Tavinho Moura é afinada e lembra outras como Hitchcock/Bernard Herrman e Spielberg/John Williams – é claro que a dupla brasileira revela um humor inusitado e safado bem diferente dos gringos.

O elenco é outro destaque nas obras. A escolha certa dos intérpretes e a precisa montagem dos personagens estimulam o encantamento dos espectadores ao longo das histórias: Tony Ramos mostra-se à vontade em indivíduos deslocados e passivos; Tânia Alves

é irresistível como a espanhola que magnetiza os “olhos famintos” da platéia; Andréa Beltrão e Débora Bloch mesclam ingenuidade e safadeza com brilho; José Dumont empresta grandeza matuta ao, nem sempre heróico, Roy Pereira. Além dos nomes conhecidos, os coadjuvantes são fundamentais para compor esse universo: Antônio Rodrigues (figura *prateana* por excelência), Nelson Dantas, Milton Nascimento, Saulo Laranjeira, Wilson Grey, Maria Sílvia, Carlos Wilson reforçam com louvor o time de Carlos Alberto.

Os (possíveis) elementos de uma obra

Segundo Antonio Paiva Filho, o cinema do Diretor reúne três características bem claras e presentes, em maior ou menor grau, em todos os filmes: experimentação, picardia e mineiridade.

Marcado pela revolução do Cinema Novo, e do posterior Cinema Marginal, Carlos Alberto não hesita em brincar com as regras e normas da linguagem cinematográfica para estabelecer a identidade de sua obra. A idéia é fugir da montagem tradicional e das soluções fílmicas consagradas investindo em personagens e narrativas que, muitas vezes, perturbam e inquietam os espectadores.

Cabaret Mineiro evidencia na sua *colagem psicológica*, com imagens reais e oníricas se misturando, a quebra da história cronológica clássica. Noites do Sertão, aparentemente correto em sua estrutura de início-meio-fim, mergulha num lirismo e humor que individualizam o filme. Já Minas, Texas, subvertendo e parodiando as máximas do faroeste, realiza uma metalinguagem cinematográfica e, também, não perde de vista as atitudes típicas dos personagens *prateanos*.

A picardia nos interessa enquanto “velhacaria e pirraça”, ou seja, a força do humor que questiona e desestrutura as normas do *status quo* e do bom gosto elitizado. Aí se verifica a união

de erotismo, irreverência e carnavalização para mostrar o inconformismo e a crítica diante das situações apresentadas. A “safadeza” é importante para sacudir o espectador e celebrar o prazer de estar vivo derrubando o falso moralismo vigente. Busca-se a liberdade sexual, em que as fantasias eróticas não têm limites e ninguém se mete na vida do outro.

Importante é a figura feminina que catalisa o processo sexual e, aparentemente ingênua, conduz o jogo da sedução e do prazer. Paixão perambula pelos lugares atrás de um sonho e as mulheres (de idades, tamanhos, formas diferentes), ao seu redor, “constroem” o caminho do herói. Lalinha vai superar o passado com as descobertas e situações que observa, interpreta e provoca em Buriti Bom. Exilada, Januária envolve seus quatro protetores num pentágono amoroso e amoral.

O comportamento abusado dos personagens recupera, também, a *marginalidade* que está nas canções populares e anônimas. O teor “pornográfico” da trilha de Cabaret Mineiro é bom exemplo dessa atitude: a cantiga de Paixão para a jovem Evangelina se inicia, singela, com “*vamos dançar tudo nu, tudo nu*” e termina com “*o bicho mora debaixo da saia adonde a pica trabalha...*”. Pode-se imaginar a indignação das famílias e cidadãos com essa linguagem chula e vulgar.

Quanto a mineiridade, o próprio Carlos Alberto Prates pode iniciar a argumentação:

Minas são várias, a minha se localiza nas lonjuras do cerrado, sem grandes mistérios, bem real, às vezes até sociológica: meu desgosto. (...) Cabaret, sim, esbanja mineiridade. E Noites do Sertão seria o último a exibir tal atributo: eu precisava prestar ao Rosa alguma homenagem. Liberto, enfim, quando fui a Embrafilme assinar o contrato de ‘A mulher guerreira’, do romance bem carioca de Sérgio Sant’Anna, o Ivan Isola me condenou, para sempre, trocando-o na hora pelo Minas, Texas, que ele tinha lida na véspera com maior agrado.

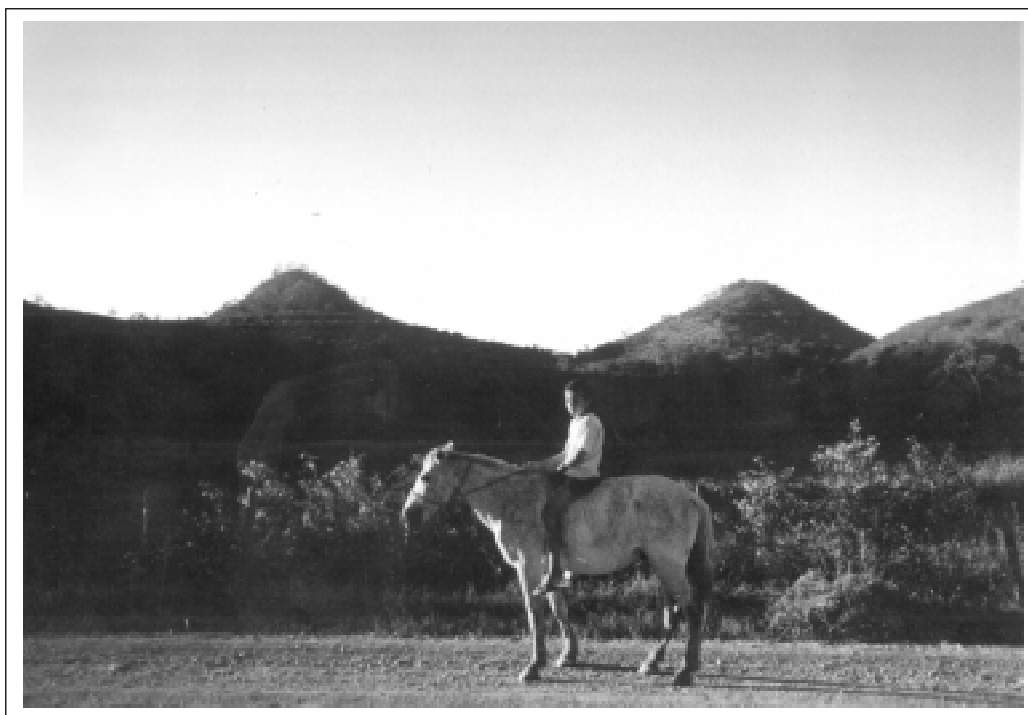
Para estabelecer um conceito do termo (sem aprofundar a discussão e assumindo os riscos

da superficialidade) podemos recuperar a idéia de “símbolo da nacionalidade brasileira” que as abordagens em torno da Inconfidência Mineira provocam: ao estudar o movimento, é possível destacar o seu teor de rebeldia, ao pretender libertar as Minas de Portugal, a perspectiva anárquica (como rebelião de poetas e intelectuais que não sabiam bem como atingir seus objetivos) e o contexto oficial – como importante insurreição que “preparou o caminho” para a Independência. O “peso histórico” de MG nos permite adotar atitudes complementares e, às vezes, díspares: os mineiros são revolucionários e conciliadores, espertos e mártires, inteligentes e tolos, de acordo com a perspectiva e o momento em que se estabelece a abordagem.

Geograficamente, Guimarães Rosa oferece uma classificação bem clara para a região do cinema de Carlos Alberto: “(...) *É o Norte, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das secas*”. A região de Januária, Janaúba, Salinas, Grão-Mogol, Bocaiúva, Pirapora e Montes Claros apresenta-se aberta para a câmera e as reflexões do cineasta.

Pode-se duvidar da força ideológica e cultural dessa *mineiridade* (e o próprio Carlos Alberto, como autor e criador, tem todo o direito de relativizar essa influência em seus filmes), mas a força do espaço físico e a construção psicológica dos personagens revelam elementos do conceito na trilogia *prateana*.

E, então, é preciso concluir e fechar a explanação acima. Quanto ao cinema, destaca-se a sua definição como arte capaz de reforçar valores culturais, propiciar uma experiência estética ao espectador e revelar o estilo, a “marca” de um cineasta. Quanto à discussão sobre a obra de Carlos Alberto Prates Correia, identificam-se elementos que permitem estabelecer características de um cineasta que pensa e reflete sobre tudo



aquilo que seus filmes dizem (ou não dizem, apenas sugerem). Qualquer análise ou crítica cinematográfica, pelo seu caráter subjetivo e opinativo, muito vezes namora o “achismo” e a superficialidade. O impor-

tante é motivar o espectador a conhecer a riqueza e multiplicidade do bom cinema – sendo esse cinema brasileiro e tão próximo da realidade montes-clarense, melhor ainda!

AGRADECIMENTOS

É necessário destacar a mostra “Montes Claros no Cinema” que, entre março e abril de 2004, apresentou todos os longas de Carlos Alberto Prates Correia durante a programação do Cinema Comentado. Para discutir e escrever sobre cinema é vital poder assistir aos filmes.

Na elaboração desse artigo, o trabalho de Antonio Paiva Filho, intitulado *Marujada Surreal, Safada e Alterosa do Capitão Prates*, foi fonte fundamental de pesquisa e consulta. Os interessados podem aproveitar a leitura de um texto saboroso e fundamentado em <http://geocities.yahoo.com.br/sombraseletricas/olhivreglau6.htm>